OPINIÕES DE DELTA

2

* Sobre a Jornada de Segunda Classe
* Sobre o Modo de contar Estórias
* Sobre Acampamentos de Fim de Semana

Por REX HAZLEWOOD

Encontrei o chefe **Sauro José Bartolomei**, no 1º Jamboree Nacional da UEB, em janeiro de 1999, ocasião em que ele me contou como foram feitos várias coleções de livretos como este.

Ele traduziu, mandou imprimir às suas custas alguns dos primeiros exemplares desta coleção. Doou os livretos à Editora Escoteira, que com o dinheiro obtido na venda, ele conseguiu fazer mais outros fascículos.

Entretanto, a UEB interrompeu o ciclo de fazer mais livretos, alegando que precisava dos valores para outros fins. Talvez seja por este motivo a informação que consta na contra capa interna do 8º fascículo.

OPINIÕES DE DELTA

* Sobre uma Jor nada de Segunda Classe
* Sobre o Modo de Contar Estórias
* Sobre Acampamentos de Fim de Semana

Por REX HAZLEWOOD

EDITÔRA ESCOTEIRA
UNIÃO DOS ESCOTEIRO DO BRASIL

"THE OPINIONS OF DELTA"
Edição de The Boy Scout Associatino – 1947

À memória do Monitor Harry Howe
e do Submonitor David Maitland

A UEB homenageia o Chefe Sauro Bartolomei que ajudou muito na 1ª edição desses livretos.

Os direitos autorais pertencem ao Autor que autorizou expressamente esta tradução e adtaptação brasileira da Editora Escoteira

1ª Edição – 1.000 exemplares – 1969
2ª Edição – 1.000 exemplares – 1984

APRESENTAÇÃO

DELTA é o tipo perfeito do Escotista, quer como Chefe de Tropa, quer como chefe de Grupo — um verdadeiro "guia, filósofo e amigo" — que orienta os Monitores, os Seniores e alguns jovens Escotistas.

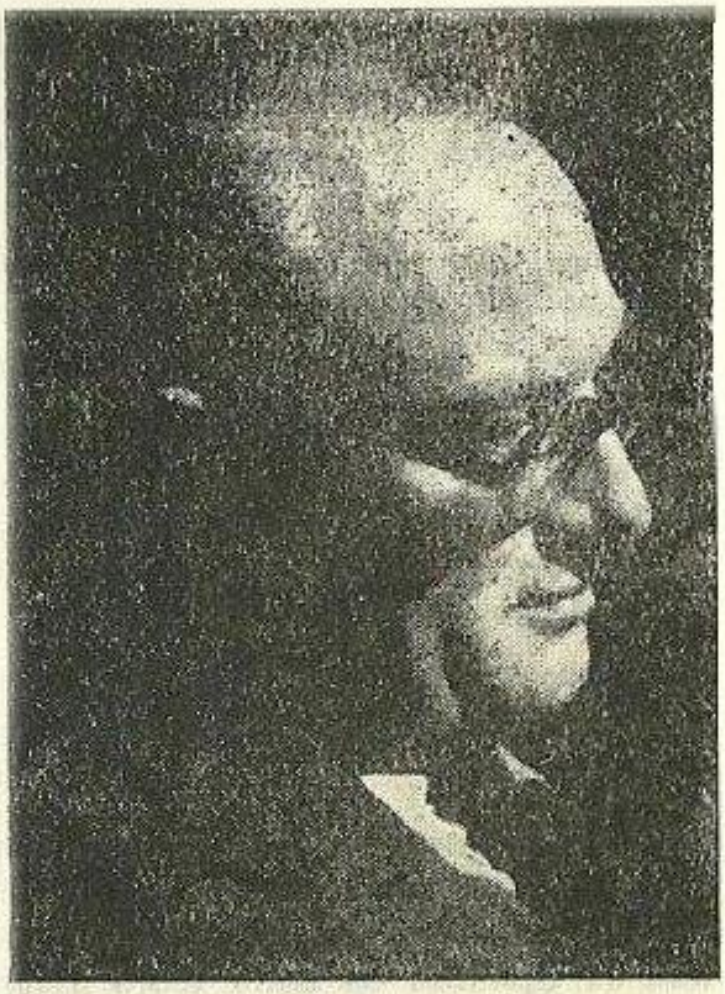
Suas conversas com eles incluem todos os assuntos e problemas que surgem na vida de uma Tropa ou Grupo, quer no planejamento e organização de atividades, quer nas relações humanas.

Sua visão sadia e equilibrada leva-o, muito mais, a procurar valorizar o Escotismo, associando-o com muitas outras matérias que o ampliam — religião, arte, música, poesia, literatura, passatempos, esportes, etc... — do que a cair no perigo de querer excluí-las, seguindo uma trilha escoteira excessivamente estreita.

Todos os personagens e todas as cenas desta série de livros — "Opiniões de Delta" — são reais, tiradas da própria vida; nisto repousa o valor e encanto destes livrinhos.

Muitos leitores irão se encontrar (agora ou mais tarde), em situações e cenas parecidas com as que acontecem em torno de DELTA; quando estiverem vivendo esses episódios, irão resolver melhor seus problemas por terem lido as Opiniões de Delta sobre assunto semelhante. E diante de problemas novos irão indagar: — "Que diria ou faria Delta?".

É para nós uma honra apresentar aos leitores o Escotista Delta; os Monitores: Miguel (também chamado Migo), Rafael, o Anjo, Ricardo (Dico) e os que só são conhecidos pelos apelidos — Pastel e Azul; o novo e jovem Coadjutor, Felipe, que está organizando uma Tropa em sua Igreja; o ex-Monitor Rodolfo (Rodo) que vai dirigir uma outra Tropa; e os novos Escotistas do Grupo de Delta, Adriano e David. Sabemos que terão muito prazer em conhecê-los.



Rex Hazlewood

SÔBRE UMA JORNADA DE SEGUNDA CLASSE

AGÔSTO

"Tenho uma idéia!" anunciou Jôni pela segunda vez e com voz mais alta.

Rafael murmurou: — "Incrível!" e virou outra página do livro que estava lendo.

Azul meneou a cabeça solenemente para Pastel, que murmurou: — "Deve ser uma das idéias de Béti." Béti era a namorada de Jôni.

Miguel arranjou ràpidamente lápis e papel e, aproximando-se de Jôni, disse gentilmente: — "Pode me dar o seu autágrafo?"

"Vem cá e conta para mim, coisinha doce," falou carinhosamente Dico, sem tirar os olhos do taboleiro de xadrez, e logo comandou: "Xequemate!"

"Vem cá e conta para todos nós," disse Delta com voz firme, e fechou o Livro-caixa da Tropa.

Era de nôvo um sábado, a noitinha em que Delta ficava sempre em casa para receber os Monitores que aparecessem. Lá fóra o fim de agôsto se tornava completamente chuvoso. Noite assim certamente convidava ao confôrto amistoso de uma sala com lareira. Delta reacendeu o cachimbo; Miguel e Dico abandonaram o taboleiro de xadrez; Azul deixou de lutar com a "Volta Redonda e Dois Cótes" do nôvo Quadro de Nós que preparava para dar de presente à Tropa; Pastel deixou de olhar para Azul e seus cabos, enquanto Rafael, com seu corpo esbelto e comprido todo esparramado no chão, como de hábito, largou, com relutância, o poeta que estava lendo.

"Jôni," disse Delta, "tem uma idéia."

Jôni, que nascera com a oitava Lei Escoteira na alma e um eterno sorriso na bôca, começou a expôr, feliz, a sua idéia: — "Eu estive pensando que nós pertencemos a uma boa Tropa..." Não pôde continuar. Foi interrompido pelos berros de protesto que surgiram de todos os lados — "Ora! ouçam o que êle está dizendo... Uma Super Tropa!" — "Apoiado!" — "Êle foi comprado pelas Bandeirantes!" — "Oh! Jôni, Jôni! por favor!" E Jôni, só conseguiu prosseguir concordando: — Está bem, está bem! Uma Super Tropa, mas mesmo a melhor Tropa pode melhorar com algumas idéias brilhantes e estimulantes iniciativas. Pois bem. Agora eu sou um Escoteiro de Primeira Classe, e estive perguntando a mim mesmo qual fôra a melhor parte do meu adestramento..."

Houve uma ligeira pausa, enquanto os seus amigos interpretavam se a sua interrupção era, ou não era, uma pergunta retórica, um convite para que êles adivinhassem ou declarassem qual a melhor parte do treinamento. E então começaram: — "Aquêle dia em que você meteu o pé três vêzes na fossa das gorduras," sugeriu Miguel.

"Aquêle dia em que você cozinhou o cuscús dentro de seu lenço e êle ficou metade azul e metade verde," disse rindo Pastel.

"Naquele dia..."

"Não!" berrou Jôni, mas, como sempre, alegremente. "E quem fizer mais algum comentário imbecil, será operado por mim sem anestesia; arranco-lhe o apendice... Pois bem! A melhor parte do **meu adestramento** (e tenho certeza que do adestramento de todos vocês — foi a Jornada da Primeira Classe, porque nós somos uma boa Tropa e fizemos uma formidável, uma grande Jornada!"

"Concordo!" disse Azul.

"Todos nós concordamos," disse Rafael. "Creio que êle descobriu a pólvora," completou, inoportunamente.

"Como sempre, você está procurando sarna para se coçar com comentários bobos," disse Jôni. "Pois muito bem. Agora chegamos à idéia. Por que não temos uma Jornada de Segunda Classe no final do adestramento da Segunda Classe, assim como a Jornada de Primeira Classe é o climax da Primeira Classe?"

Houve um momento de silêncio.

"Os guris são muito crianças..." disse Pastel.

"Isto iria roubar o brilho, o encanto da Jornada da Primeira Classe," disse Azul.

"Êles não tem idade bastante para d-dormir sòzinhos ao ar livre, não acha?" disse, gaguejando, Miguel, uma conseqüência de suportar pais nervosos.

"Eu gosto da idéia," disse Rafael, atenciosamente.

"Também gosto, Anjo," disse Dico. "E você, Delta?"

Delta batia o cachimbo para enchê-lo de nôvo. "Êste é o tipo da idéia que deve ser discutida por uma Côrte de Honra formal," disse êle vagarosamente, "e acho que os Submonitores devem ser convidados para darem sua opinião. Parece merecer uma experiência de um ano. Espetacular, Jôni, parabéns. Sugiro que vocês agora trabalhem nos detalhes da idéia — assim poderão vê-la melhor. A Jornada da Primeira Classe, como vocês bem sabem, deve ser uma excursão aventureira **que possa testar todo o adestramento escoteiro da Primeira Classe.** Portanto, vocês sabem como terá que ser esta Jornada da Segunda Classe."

"Miguel! Joga-me o P.O.R.," disse Rafael.

"Eu tenho outro aqui," informou Dico. E dois conjuntos de três cabeças examinaram a Regra do P.O.R. que descreve a Jornada de Primeira Classe.

"Êles não terão que passar a noite acampados, não acham?" disse Azul ponderadamente. "Mas a jornada deve tomar o dia inteiro."

"O tempo condiciona a distância, então," concluiu Jôni. "Eu proporia 12 ou 13 quilômetros."

"Não me parece longa demais," concordou Pastel.

"Não acham," sugeriu Delta, "que vocês devem pensar numa espécie de jornada de obstáculos ou de incidentes, com o percurso de 12 quilômetros, com a ocorrência de problemas ou aventuras que envolvam as provas de Segunda Classe, surgindo em intervalos, mais ou menos regulares?"

"Então nós teremos que estar lá, ou alguém terá que estar, para preparar ou criar os incidentes", disse Pastel.

"Para sinalizar uma mensagem de semáfora de uma distância de 100 metros", disse Migo, "ou aparecer de súbito para o almôço."

"Ótimo!" disse Delta. "Isto resolve. O que estava me preocupando era o julgamento da prova, dado que não se deve exigir que êles façam

um diário-relatório da Jornada. Esta exigência deve ficar reservada para a Primeira Classe."

"Escravos! Dêem-me papel e lápis!" disse Rafael. "O que nós precisamos é de um diagrama, um desenho, um plano, uma planta. Dessa forma." Êle passou a desenhar um esquema de uma jornada, enquanto os outros observaram. "Os nomes", explicou Rafael, "não significam nada — são só para ilustrar. Mas é assim que a coisa deve funcionar. Delta começa o jôgo dando a uma dupla de garotos uma ou duas direções de bússula. É claro que a rota tem que ser planejada com antecedência. Após um pouco mais de 2 quilômetros de percurso e êles terão de parar e localizar o Azul, que estará a uma distância de 100 metros fora da rota. Azul então sinaliza por semáforas uma mensagem que lhes informa sôbre qual a estrada a tomar. Depois de mais 2 quilômetros, Jôni aparece, fantasiado de Jôni mesmo, de uma moita de espinheiros ou de um leito de agulhas de Pinheiro e mostra-lhe o princípio de uma pista que êle preparou. Então êle desaparece por mágica dentro do matagal, dá uma volta e reaparece no final da pista, com essa cara de gato malicioso, como sempre. Aí êle indica uma direção da bússula e diz-lhes para que encontrem o Dico que estará disfarçado de monte de feno ou de manada de vacas. É brincadeira. Realmente o Dico estará sentado perto ou dentro de uma vala lamacenta (com bastante lama) e dirá aos jovens insetos que êles devem construir um cavalete de ponte e usá-lo para cruzar a vala. Tendo feito isto, êle lhes dirá que caminhem cêrca de 2 quilômetros por aquela vereda e então façam um fogão e preparem um esplendoroso almôço — olhem! vejam só! Quando êles estão fazendo o almôço, eis que surge o Miguel e diz: "Vocês vão ter um convidado; que sorte, não é?" Após a hora de repouso (muito necessária, principalmente para o Migo), os futuros Segunda Classe mais uma vez serão postos no caminho. Devem procurar o Pastel que, ao encontrá-los, lhes dá uma mensagem que êles devem transmitir para êle mesmo, que ficará, a uma certa distância, empoleirado numa porteira da cêrca ou sôbre um piano de cauda ou sôbre o que quer que êle encontre. Finalmente êles caminharão mais 2 quilômetros para terem a inexpressável satisfação, a puríssima alegria, o prazer indescritível de me encontrar. Três vivas! Eu terei cozinhado um número de circo para obrigá-los a fazer, digamos, a escalada de uma árvore, alguns nós e alguma prática de primeiros socorros (eu arranjarei as coisas de modo que a prática seja real). Então, após

um choroso adeus, êles serão mandados de volta a Delta para mostrar a êle as fôlhas de árvores que durante o dia inteiro os pobrezinhos andaram colhendo. Fim!"

"Como fala o pequenino!" disse Azul, simulando um assombro.

Delta disse: — "Acho que completou o negócio, Anjo. Não há mais nada a fazer. E vocês, camaradas, querem cooperar?"

"Sem dúvida", disse Azul.

"Vocês viram, que não há necessidade de perdermos o dia todo", disse Miguel. Cada um de nós dará um par de horas para atender o seu pôsto, no horário que fôr mais conveniente, fazendo o percurso de ida e volta de bicicleta. Ou se três se ocuparem o dia todo, damos conta de tôdas as bases, usando também bicicletas.

"Um aviso", disse Delta. "Se começarmos isto com uma dupla de rapazes e fôr um sucesso, teremos que continuar com isso para todos os outros."

"Alguma vez já o decepcionamos?" perguntou Jôni, dramàticamente.

"Tenho uma idéia", disse Azul.

Três corpos se lançaram simultâneamente sôbre êle, e o esmagaram contra o chão, tapando-lhe a bôca.

"Uma idéia por noite é o bastante, mesmo para os melhores Escoteiros do mundo", disse Rafael montado sôbre o abdomen de Azul.

SÔBRE O MODO DE CONTAR ESTÓRIAS

SETEMBRO

"Portanto, agora voltei à vida civil e estou de nôvo em casa, na mesma rua em que morava", disse Rodolfo, que servira na Aeronáutica. "E pretendo assumir a Chefia da Tropa do 14.º Grupo Escoteiro, se você não se importar, Delta. Como você sabe, esta Tropa está sem Chefe há algum tempo. O Comissário Distrital, não tendo alguém para nomear como Escotista, deixou o Guia da Tropa assumir provisòriamente a Chefia. O Guia é o jovem Pio (tem 16 anos). Vai indo bem, mas francamente, êle não tem experiência. É um excelente rapaz, nós iremos nos dar muito bem, mas o tróço todo está precisando de melhorar, e por isso resolvi dar minha colaboração. Mas ainda não dei a resposta ao Distrital."

"Fico muito satisfeito por ver um antigo Escoteiro da nossa Tropa assumir a Chefia do 14°. O Comissário Distrital fêz muito bem convidando-o", disse Delta enquanto ambos se sentavam. "Quer experimentar êste tabaco?" continuou Delta ao ver Rodolfo tirar do bôlso o seu cachimbo.

"Não, obrigado. Vou fumar do meu", disse Rodolfo. "Olha aqui, Delta. Há muitas coisas que eu desejo perguntar a você. Porém, agora, eu queria outra coisa: posso ir e levar comigo o jovem Pio, ao acampamento de quatro dias que a Tropa irá fazer, eu sei, pegando os feriados de princípio de novembro e o fim de semana emendado."

"É claro que sim", disse Delta.

"Muito obrigado. Na noite passada tive o meu primeiro contato com Tropa do 14.º Os garotos são formidáveis mas estão... desperdiçados — se você entende o que eu quero dizer. Aquêle algo falsificado ou esquisito que faz a completa diferença entre uma boa Tropa e uma péssima Tropa Escoteira."

"Você quer dizer entre uma Tropa Escoteira e uma imitação de uma Tropa Escoteira", corrigiu Delta rindo.

"É isso mesmo," concordou Rodo. "Bem eu acho que êles não captaram o espírito do Escotismo. E é isto que me faz pensar nas estórias, que é o assunto que eu especialmente queria abordar. Você sabe? Durante todo êste tempo em que eu estive fóra, lembrava-me muitas vêzes, com uma intensa sensação de felicidade, daqueles últimos anos, quando todos nós, um pouco cansados, mas satisfeitos, nos sentavamos em círculo no final da Reunião da Tropa... e aí você costumava nos contar uma estória. Eramos felizes... se, naquela época nós não percebíamos a nossa felicidade, desde então, recordando, compreendemos isto muito bem. E eu penso que o 14.° está precisando ouvir algumas estórias. Você, Delta, é um gênio absoluto na arte de contar estórias. Como se consegue fazer isto?"

Delta disse: "Há uma estória, Rodo, que explica isso. Uma vez o grande pianista Paderewski estava tocando diante da Rainha Vitória da Inglaterra. Ao final, a velha Soberana exclmou com entusismo: — Senhor Paderewski, o senhor é um gênio! — Ah, Magestade, (replicou o pianista) talvêz; mas antes de ser um gênio eu trabalhei como um escravo me exercitando nas teclas do piano."

"Compreendo. Você quer dizer que em certa época era tão ruim quanto eu sou agora," disse Rodolfo sorrindo.

"Sim," disse Delta. "E não pense que se possa encurtar o caminho, por um atalho, nesta preparação. Pode ser que alguém nunca consiga aprender a contar uma estória durante tôda a sua vida, mas a maioria pode contá-las bem, se estiver pronto para enfrentar as dificuldades que irá encontrar nesta preparação. E se, como eu penso — no mais amplo sentido da palavra — contar estórias é essencial para qualquer trabalho com a juventude, então todos os Escotistas (e não apenas os Chefes de Lobinhos) devem estar prontos para se aperfeiçoar enfrentando um mar de problemas."

"Eu estou decidido," disse Rodolfo, "portanto, continue."

Delta pensou por um momento, olhando fixamente para o fogo da lareira, pois os ventos de setembro tinham vindo com uma onda friíssima. Começou então a falar, ou melhor (como parecia a Rodo), a pensar em voz alta.

"A estória que você irá contar," começou Delta, "deve ser adequada aos que vão ouví-la, e deve agradar e ajustar-se a você. Isto é importante. Refiro-me à segunda parte; a primeira parte é óbvia. Porém, todos os contadores de estórias tem suas limitações. Saber quais são

As vêzes deve-se botar ênfase elevando a voz — as vêzes é uma questão de procurar mostrar bondade, ou crueldade, ou cinismo na voz de alguém. Quanto aos gestos — acho que geralmente um bom contador de estórias precisa de poucos gestos, pois assim êles serão mais eficientes — tal como o olhar em certa direção, ou um súbito movimento da mão. Há uma estória que eu costumo contar onde é um fato importante o ato de apanhar uma chave sôbre o consolo da lareira. Eu sempre viro a minha cabeça naquelas palavras, como se eu estivesse olhando para a parte de cima do consolo da lareira."

"Oh, eu me lembro disso muito bem," disse Rodo. Eu me lembro que eu cheguei a **ver** o consolo e a chave!"

Delta quase ruborizou-se. "Pois bem," disse êle, "é isso o que eu quero explicar. Você deve fazer com que, os que ouvem, **vejam** o que você está contando. Falemos das pausas. Eu sempre traço barras verticais na minha ficha onde as pausas devem ser feitas — uma, duas ou três barras, conforme a demora do silêncio. Tal como na representação teatral, um silêncio pode dizer muito. Devo confessar que quando comecei a contar estórias à Tropa, há muitos anos, eu costumava praticar em frente de um espelho. Ainda penso que é uma boa idéia. Principalmente se você deseja retratar alguma emoção, como a dúvida. O que diz o seu rosto é importante, pois todos estão olhando para a sua pessoa. Oh, isto me lembra um outro ponto. Sempre ajuda muito se você pode dar à estória um cunho pessoal Isto não significa que, na minha opinião, você deve se colocar como o herói das incríveis aventuras, mesmo que você gostasse de ter sido. Mas, você deve se lembrar que uma das minhas frases de abertura era: — Meu irmão, que é um camarada aventureiro e selvagem, nem um pouquinho parecido comigo, relatou-me uma vez, uma coisa esquisita que lhe aconteceu..."

Rodolfo afirmou com a cabeça que se lembrava.

"Outro comêço que eu usava era: — Eu não acredito nesta estória. Nem eu suponho que vocês vão acreditar. Tudo o que eu posso dizer é que ela me foi contada — ou melhor, a tôda a minha família — numa noite em que todos nos reunimos em casa porque minha irmã tinha ficado noiva. Ela estava exibindo seu anel de noivado — vocês sabem como as irmãs são — e o seu noivo (seu nome era Jorge) nos

estas limitações é uma parte da sua educação. Isto, porém, não significa que tendo achado o seu gênero — por exemplo: que você pode contar bem uma estória de fantasmas — você não conte estórias de nenhum outro gênero. Variedade é o tempêro de bom contador de estórias."

"Variedades?" perguntou Rodo. "Quais são elas?"

"Bem," disse Delta. "Posso sugerir uma classificação: Fantasias; Estórias de mangação, lorótas ou potócas; Narrativas da Natureza; Estórias de aventuras; Estórias da vida real, incluindo as heróicas e as misteriosas; e as Estórias do sobrenatural. É uma classificação puramente arbitrária, e você pode fazer outra, que será igualmente legítima. Porém, **ter uma classificação** é uma boa coisa, porque faz com que você conheça o tipo de estória que você está contando e ajuda a levar em conta o auditório, a não esquecer os gêneros que ela gosta. Muito bem. Agora vamos supor que você encontrou exatamente o tipo de estória adequada. Aqui está você e a estória. Lá, a uma distância de uma semana ou mais, está a audiência, expectante e crítica. Eu só posso dizer a você a maneira pela qual eu organizo o trabalho. Leio a estória tôda três vêzes. Depois, leio a estória uma quarta vez, mas nessa ocasião vou escrevendo numa ficha — porque realmente depois eu guardo a ficha num arquivo — os títulos ou subtítulos que eu acho que irei precisar para me levar de uma parte da estória para a seguinte. São como escadas que levam de um andar para o outro. O que eu escrevo, podem ser frases que algum personagem diz e que sejam vitais para o ponto que é o objetivo da estória; ou detalhes da côr local; ou apenas ligações do enrêdo — dependendo, como é lógico, da estória. Então, eu esqueço tudo isso, pelo menos por um dia. No outro dia eu procuro contar a estória a mim mesmo, só olhando para a ficha quando sinto absoluta necessidade, mas nunca nas outras ocasiões. Sublinho na ficha aquelas escadas (por assim dizer) que eu esqueci na ocasião ou em que tropecei. Neste momento eu já **sei a estória**, e, se tenho tempo, eu a conto de nôvo; habitualmente, eu não preciso mais de usar a ficha. Muito bem. Agora eu procuro pensar sôbre **como** eu vou contá-la, e levo em consideração três coisas: **voz, gestos** e **pausas**. Se você se recorda daqueles dias que há pouco estava lembrando, Rodo, você compreenderá o que eu estou dizendo. As vêzes é necessário começar ou terminar a estória com muita tranquilidade.

contou esta estória". Delta fêz uma pausa e continuou: "Está vendo, Rodo? Isto é apenas a aplicação do velho conceito que se usa para ensinar algo aos jovens ou levá-los a fazer qualquer coisa. **Temos que começar do ponto em que êles estão**. Habitualmente isto se aplica ao ensino, onde temos que ligar as coisas novas aos conhecimentos que êles já adquiriram. Aqui a aplicação é um pouco diversa: Nós estamos na sala da Tropa e êles me conhecem. Daí eu levo sua atenção para a minha casa e a festa de noivado. Focalizo o noivo Jorge. E repito o que êle me contou. Como você vê, levo a atenção e a imaginação dos rapazes, com as minhas palavras, até o comêço da estória."

"É, como numa fita de cinema, quando uma série de imagem nos leva até o ambiente da estória", disse Rodo.

"Mas o tipo da estória é que determina qual será o melhor comêço. É claro que é também muito importante, antes de começar, saber como irá terminar a estória. Entenda isso literalmente: antes de começar você já sabe como irá contar o final. O melhor é escrever as últimas frases e aprendê-las de cór. A melhor estória pode ser completamente prejudicada, destruída, devastada por um final fraco e indeciso."

"Agora eu posso ver", disso Rodo, "que tôda essa preparação é absolutamente necessária, e vital para o contador de estórias. Antes, eu não compreendia porque você era o perfeito narrador. Isto é formidável! Continue, por favor!"

Delta riu do seu entusiasmo. "Você se lembra", disse (porque quando um Escotista e um dos seus antigos Monitores se encontram, inevitàvelmente a conversação, cedo ou tarde, ficará juncada desta monótona frase: Você se lembra...), "da estória sôbre o crioulo que jogava futebol?"

"Oh, sem dúvida", disse Rodo, "o sujeito que você e o João conheciam. O João e você nos contaram essa estória juntos... Você não se lembra daquela noite?"

Delta deu uma gargalhada e foi buscar as bebidas.

"De que é que você está rindo?", disse Rodo confuso. "Não diga! Será que... você quer dizer... Você e o João nunca se encontraram com aquele crioulo? Até hoje eu jamais suspeitara disto. E tenho certeza de que a Tropa nunca suspeitou que vocês dois estivessem combinados..."

"Você está vendo?" disse Delta, e festejou, adicionando: "Viva!" Continuando, esclareceu o ardil: "Realmente o João concordou em apa-

recer, como às vêzes fazia, próximo do final da Reunião da Tropa, naquela noite de verão, e a participar do Fogo de Conselho. Eu diria apenas: — Salve, João. Prazer em vê-lo — como sempre, quando êle (que na época era o nosso Deputado Chefe de Campo) surgia na Tropa. Êle responderia ao cumprimento e começaria conversando, diretamente comigo, sôbre o que tinha feito neste dia: — Hoje eu passei o dia com uns amigos e estivemos conversando sôbre futebol. Você se lembra daquele jôgo entre a Universidade e a equipe dos Surros? — e ficaríamos um momento lembrando lances da citada partida até que um de nós introduziria o crioulo jogador de futebol que era o personagem na nossa estória. Mas para dar um cunho de maior realidade (lembra-se?) de vez em quando um interrompia o outro, transformando a narrativa num dueto. O João, por exemplo, diria: — Delta, não foi bem assim... — e eu responderia: — Então, como foi? Conte! — Foi divertidíssimo! Porém, — e êste é o ponto importante — apesar de nós sermos Escotistas experimentados, **nós ensaiamos** aquela apresentação da estória."

Rodolfo tinha estado tomando notas. Agora fêz uma pausa para tomar a bebida e encher de nôvo o seu cachimbo.

"Onde você encontrava as suas estórias?" disse Rodo. "Na nossa época, Delta, você contou uma porção delas."

"Em tôda a parte", disse Delta, "mas, certamente, você pode contar uma estória mais de uma vez. Talvez eu seja supermetódico, mas sempre anotava, nas costas das minhas famosas fichas a data em que a estória fôra contada e os nomes dos ouvintes. No princípio você terá que arranjar muitas estórias, e essa urgência não permite uma escolha perfeita, de modo que algumas não serão muito boas. Aliás, para começar, qualquer um de nós já tem o seu cabedal de estórias conhecidas. Procure em sua memória e escreva ou faça a ficha de cada uma delas. Gente que você conheceu, passagens da sua própria vida, personagens da História pátria ou universal, estórias da Bíblia, contos ou romances lidos e que podem ser relidos, etc. Depois de você já ter um arquivo sortido, com várias estórias de cada um dos tipos daquela classificação, então você pode trabalhar com mais calma, selecionar melhor e eliminar do arquivo as estórias que não sejam realmente boas. Inda agora eu calculei que preciso de cêrca de 15 estórias novas por ano, e isto significa que você tem de ler muito. O conselho que eu posso dar é um só: Procure com perseverança até encontrá-la. Afinal de contas

é dever de todos os líderes da juventude lêr amplamente e extensivamente. É parte do nosso adestramento e quando não podemos mais continuar com o nosso treinamento, devemos renunciar. Eu sugiro que você comece freqüentando uma Biblioteca. Quinze por ano demanda muita pesquisa — mas vá fazendo **as fichas e arquivando**. Você pode usar o meu sistema, ou um caderno fichário de fôlhas sôltas, ou datilografá-las em fôlhas comuns e arquivá-las assim numa pasta. Você pode escrever para estas instituições dizendo o que deseja e pedindo-lhes que sugiram listas ou catálogos de livros adequados, anote:

Instituto Nacional do Livro (Biblioteca Nacional) — Av. Rio Branco, 219/39 — Rio de Janeiro — G.B.

Centro de Bibliotecnia (Bibliografia Brasileira do Livro Infantil) Av. Rio Branco, 156 s/2.701 (Ed. Avenida Central) Rio de Janeiro — G.B.

Também pode escrever para as principais Editoras do país, solicitando catálogos de livros dessa espécie.

Rodolfo anotou todos os enderêços.

"O tipo de livros que você pode começar pesquisando são as coleções de estórias selecionadas de vários autores, com títulos mais ou menos assim: Os melhores contos franceses, ou russos, ou inglêses; As melhores estórias de detetives, ou de fantasmas, ou de animais; ou então: Obras-primas da literatura universal, etc. Os livros de contos dos autores nacionais e estrangeiros também devem ser explorados. Lembro, por exemplo, os livros de Malba Tahan, pseudônimo Prof. J. C. Melo e Souza, que é um mestre na arte de contar estórias. Com estas indicações você tem um comêço de pista para seguir e ir depois marcando o seu próprio caminho. O resto é a **sua busca**. Como qualquer outro colecionador, você em breve ficará possuído de uma volúpia de procurar um nôvo conto, que seja, òbviamente, uma jóia.

"Milhões de agradecimentos, Delta", disse Rodolfo.

"Não seja idiota", disse Delta. "Mas há mais um ponto a recomendar. Em alguns contos o meu método de tomar notas não funciona. **Você terá que aprender a estória de cór.**"

"Santo Deus!" disse Rodo. "Por quê?"

"Eu só posso ilustrar dizendo que nalguns autores a linguagem é parte integral e essencial da estória. Sem as palavras que êle usa, as estórias perdem muito do seu saber e tempêro. Os incidentes da estória já não são os mesmos quando as palavras das descrições do autor ou as maneiras de falar dos personagens deixam de ser usados, pois perdem todo o sentido de humor. Muito bem, aí está. Colecione os seus contos e conte as suas estórias. Mas lembre-se desta frase do príncipe dos contadores de estórias que é Kai Lung: — **Um auditório inteligente e perspicaz vale mais, para um contador de estórias, do que uma fortuna paga pelas mãos que ocultaram bocejos.**"

SÔBRE OS ACAMPAMENTOS DE FIM DE SENAMA

OUTUBRO

Haviam terminado sua primeira discussão sôbre como funcionaria sua Patrulha de Escoteiros Seniores. Os antigos Monitores de Delta, com alguma relutância, tinham entregue suas Patrulhas aos seus Submonitores e tornavam-se agora Escoteiros Seniores, sempre prontos a explorarem as novas estradas do Escotismo. Haviam atingido o ponto em que concordaram se reunir dalí a duas noites, para resolver sôbre um dinâmico programa. Foi neste momento que bateram na porta da sala da Côrte de Honra de sua séde, onde êles estavam fazendo a reunião, e Felipe, o jovem e nôvo Coadjutor, intrometeu a sua cabeça redonda. Seu corpo seguiu a sua cabeça e logo depois êle estava sentado junto à mesa na tóra de madeira.

"Apareci aqui", disse êle, "para falar sôbre acampamentos de fim de semana. Tendo convencido o velho Vigário que eu podia ser dispensado e ter uma folga num fim de semana; tendo-o persuadido de que sou capaz de atender as necessidades espirituais dos rapazes (necessidades estas que, no que concerne a êles — devo adicionar a bem da verdade — não são muito perceptíveis); tendo-lhe demonstrado a **inequívoca desonestidade** que seria ter Escoteiros patrocinados pela **sua** igreja, se não estivesse disposto a permitir que os Escoteiros fôssem Escoteiros (pois, como pode um Escoteiro ser Escoteiro se êle não vai acampar?); e tendo, pràticamente subornado o Mestre do Côro (para que êle afirmasse ao Vigário que os Escoteiros que são do côro não eram necessários) — encontro-me em condições de dirigir o primeiro acampamento de fim de semana da Tropa, na semana seguinte à pró-

xima. Isto é, faremos o acampamento", adicionou êle, "se vocês emprestarem o material conforme tinham prometido. Nós teremos 24 participantes — 25 comigo."

"Sua Tropa está crescendo rápido demais", criticou o Anjo no mais inocente dos tons.

"Quando se espalhou o boato que nós iríamos acampar", explicou o Coadjutor Felipe, "choverem as inscrições na Tropa. Muitos rapazes completaram as Provas de Noviço em uma semana e os outros estão quase a pique de terminá-las, de modo que não tenho dúvidas: antes do acampamento todos terão feito a Promessa."

"Quantos já acamparam antes?" perguntou Pastel.

"Oh, nenhum de nós, nem eu, disse o jovem Coadjutor e Escotista. "É por isso que vai ser uma aventura formidável!... Que é que eu disse de errado?" perguntou confuso ao se encontrar diante de seis encantadores sorrisos de piedade. E êle não podia ver a face de Delta que, ostensivamente, virou-se para bater as cinzas do seu cachimbo.

Não podendo conter a sua admiração, Azul disse em voz alta com sua franqueza habitual: "Que pic-nic!"

Essa frase desencadeou a caçoada sob a forma de um sério diálogo de absurdos.

"Acho que é uma questão de aumentar o número de fossas de gordura", disse Miguel, gravemente.

"Oh, entendo", disse o Coadjutor inocentemente e querendo mostrar seus conhecimentos. "Já ouvi falar delas."

"E o tamanho... e a côr... Você sabe, não é?" disse Miguel. "Não está de acôrdo, Anjo?"

"Eu estou supondo", disse Rafael, o Anjo, lançando de volta a sua onda de disparates, "que os cabos solteiros são a principal dificuldade. Você já os trançou? Êles levam semanas para secar..."

"Não", disse o jovem Escotista. "Cabos solteiros?"

"Às vêzes são chamados de cordas de enforcar ou Anéis Suiços", disse Miguel (êle e Rafael podiam ficar neste jôgo de absurdos por horas). "Não devem ser confundidos, é claro, com as Rôscas Suíças, nem com os Rolos Suíços."

"Ou com Rolls-Royces", disse Jôni com uma risadinha.

"Esta sua brincadeira, Jôni, não ajuda em nada", disse Rafael severamente. E voltando-se, solícito, para o Coadjutor, continuou: "Mas, Padre, eu não acho necessidade de se preocupar, porque seu acampamento será no último fim de semana de outubro, e, nesta época, não é o tempo dêles, estão fora da estação. Deve tomar cuidado, levando todos êsses Noviços, é com a argola."

"Argola, argola", disse Miguel, ràpidamente, e sentiu necessidade de assoar o nariz para disfarçar o riso.

"Vocês estão me gozando?" perguntou o jovem Coadjutor.

"Sim", disse Rafael sèriamente, "estamos."

"Nós não faríamos isso se não gostassemos de você", disse Miguel francamente. "É uma espécie de cortezia que só fazemos com os amigos."

O Coadjutor ficou de pé, fêz uma curvatura de agradecimento e deu uma risada. "Bem, poderiam agora realmente me ajudar?" disse êle. "Aqui estou eu. Podem atirar. Eu confesso que sou o Noviço Público n.º 1."

Azul perguntou: "Você tem que levar **todos** os noviços?

"Bem..." disse o Coadjutor hesitando.

"Ora, deixa êle levar todos... disse Pastel com crueldade. "Não estrage o divertimento."

"Alguns de vocês não poderiam ir e ajudar?" perguntou Dico que nunca falava, exceto quando tinha alguma coisa a dizer. "Eu posso ir."

"No fim de semana em que êles vão acampar eu tenho que ir ao nosso local de acampamento", informou Pastel.

"E eu também", disse Jôni. "É o fim de semana em que estamos de serviço. Mas os outros estão livres."

"Bem... Eu posso ir", disse Azul, "e você também pode, Anjo."

"Eu gostarei de ir", disse Rafael. "Miguel?"

"Eu receio ter que disputar no Sábado uma partida que foi transferida", disse Miguel.

"Migo", explicou Rafael ao jovem Coadjutor. "É um astro no futebol do Colégio". E imitando os locutores esportivos, continuou: "Migo é, como sempre, o extraordinário jogador que já marcou dois gôls nos

primeiros 45 minutos desta peleja, graças a sua fibra e ao seu paciente trabalho de destruir a defesa adversária. No primeiro êle fêz uma tabelinha com o ponteiro direito, driblou o quarto zagueiro e do limite da pequena área chutou inapelàvelmente para o canto esquerdo. Apesar dos esforços do goleiro a bola bateu na baliza e foi para o fundo das rêdes. O segundo, surpreendeu in-tei-ra-men-te o arqueiro com um sem-pulo à meia altura, uma verdadeira bomba, ao receber um passe na justa medida para sua finalização. Migo é, sem favor nenhum, o Rei dos pontas de lança desta geração!"

"Gaiato!" disse Miguel.

Mas, Migo, você pode ir no Domingo. É só você completar os deveres do Colégio na noite de Sábado", apelou Rafael.

"Não precisa me dizer, Papai", gracejou Miguel. "O. K.!"

"Mas isto é uma maravilha", disse o Coadjutor. "Arranjei quatro auxiliares, ou melhor dizendo, quatro mestres acampadores! Você esta de acôrdo, Delta?"

"Sem dúvida, disse Delta, "mas, mesmo que eu não estivesse, caberia a êles decidir."

"Penso que seria melhor planegar o acampamento enquanto nós estamos juntos", disse Dico.

"Claro!" disse o Coadjutor.

"Jôni", disse Delta. "Você e Pastel bem poderiam acender o fogareiro e fazer um café enquanto nós conferenciamos e traçamos os planos. Onde é o local? Migo, joga-me aquêle mapa."

Localizaram o local, cêrca de 16 quilômetros distante, numa fazenda.

"Pertence ao irmão de um dos meus paroquianos", disse o Coadjutor (que já conhecemos tão bem que poderemos, daqui em diante, chamar de Felipe).

"Como é o local?" perguntou Azul.

"Hum..." disse Felipe.

"Tem lenha, eu suponho, e água próxima?" perguntou Dico.

"Hum..," disse Felipe.

"Você quer dizer que ainda não viu o local do acampamento?" perguntou Rafael em tom de descrença e espanto.

"Não", disse Felipe. "Eu devia tê-lo visto?"

"Quando um local de acampamento ainda não é um local de acampamento?" perguntou Rafael.

"Quando você ainda não foi visitá-lo", disseram em côro os outros Monitores.

"Adivinhação Escoteira nº. 1", completou Azul

"Oh!", disse Felipe.

"Nós logo daremos um jeito nisso", disse Delta. "Podemos ir de bicicleta numa tarde da próxima semana, se você arranjar uma folga. Mas conheça sempre, prèviamente, o local onde vai acampar: a situação, o estado e a inclinação do terreno, os ventos dominantes e os lugares abrigados, a distância em que se encontra a água potável e mesmo a contextura do solo, arenoso, lamacento, etc. Tenha em mente que estamos falando sôbre acampamentos de Noviços e Escoteiros muito jovens. Pois, para Escoteiros Seniores, eu sou inteiramente a favor de um acampamento num paredão de um penhasco — significando que êles, ou serão acampadores experimentados, ou não serão Seniores. Quando se trata de acampamentos de fim de semana, o local não pode ser muito distante da cidade, logo é preciso ver se nosso acampamento não será um incômodo para os donos que moram no lugar — ou se estas pessoas não serão um aborrecimento para nós. Há ainda coisas tais como atalhos de uso público que não podem ser ocupados e servidões ou direitos de passagem que podem ser uma amolação."

"Pequei, não indo ao local", confessou Felipe, "mas vamos supor (e, honestamente, eu penso que é, pois o filho do fazendeiro foi Escoteiro) que o local tem lenha pronta para ser queimada, em grande abundância, que tem água potável e água para as lavagens e que o terreno é plano e próprio para um acampamento."

"Material", disse Azul.

"Nós emprestaremos o material", disse Delta. "Transporte?"

"A nossa carrocinha escoteira", disse Rafael. "Jôni e Pastel não vão precisar dela. E se precisarem, levam a Súsi."

"Súsi", disse Delta, "é a nossa segunda carreta, já bem velhinha. Mas ainda está prestando serviços. Mas, Anjo, lembre-se que são 16 quilômetros e os Escoteiro de Felipe são ainda crianças."

"Tenho dois Monitores de 13 anos", disse Felipe, "um dêles forte e corpulento."

"Ora, nós podemos puxar a carreta até lá, é claro", disse Azul. "Eu posso tirar folga no Sábado pela manhã, o Anjo não trabalha aos Sábados; o Dico tem o Colégio. Podemos ir na tarde de Sexta-feira, eu e o Anjo. E se os seus Monitores quiserem, poderão ir conosco. Esteja certo que nós cuidaremos bem dêles e podemos ensinar-lhes como instalar o acampamento. Êles nos ajudarão e nós não deixaremos que êles se esforcem demais."

Felipe arriscou uma pergunta: "Estou supondo que as carrocinhas escoteiras são muito úteis, não são?"

Delta afirmou categórico: "Nas Vilas, Subúrbios e Cidades menores onde se pode ir a pé, puxando uma carreta pesada de material, até bons locais de acampamento, nenhuma Tropa, que tenha amor próprio, pode existir sem possuir uma carreta. Ela também pode ser usada quando é fácil, após um pequeno percurso na cidade, embarcá-la num transporte ferroviário, fluvial ou marítimo até um desembarque na Zona Rural — um ponto de partida para os campos próximos por estradinhas pouco movimentadas. Deve estar, nestes casos, logo no princípio da lista de prioridades de qualquer Tropa nova. Inestimável. Em grandes Metrópoles, em rodovias de muito tráfego e alta velocidade, ou para grandes distâncias, não devem ser usadas — há perigo de vida ou de afetar a saúde dos rapazes com esforços além das suas possibilidades."

"Vou colocar uma carreta escoteira na minha lista de prioridades", disse Felipe.

"Convém lembrar, Felipe, que algum material poderá ficar armazenado lá nessa fazenda para outro acampamento", disse Delta. "Anjo, quando você separar o material que vamos emprestar, anote o que iremos precisar para nossos acampamentos e o que pode ser deixado lá nesta fazenda para uso da Tropa de Felipe. Êste é outro ponto essencial para os acampamentos de fins de semana, Felipe: armazenagem do material num campo que seja do Grupo Escoteiro ou que seja permanentemente cedido para seu uso. Uma boa Tropa Escoteira deve acampar todos os fins de semana — não será a Tropa tôda, é claro, mas uma parte, uma ou duas Patrulhas num fim de semana, outras tantas na semana seguinte, e assim por diante. Para isso você precisa que o material fique no local. Então os meninos podem ir a pé ou de bicicleta até o local,

armar o campo, realizar seu acampamento, desarmar as barracas e armazenar cuidadosamente o material. Não há justifictiva para trabalhos fatigantes, como levar e trazer o material, se êles podem ser evitados. Nós treinamos acampadores, não carregadores. Habitualmente existe um telheiro, ou uma parte de um celeiro que o fazendeiro cederá para o nosso uso."

"Como os outros Escoteiros irão chegar lá?" perguntou Dico.

"Alguns irão de bicicleta", disse Felipe, "alguns irão de ônibus e andando. Uma parte, Sábado pela manhã e outra parte, no Sábado, após o almôço."

"Alimentação?" perguntou Azul.

"Normalmente," explicou Delta a Felipe, "é parte das funções de Monitor ser capaz de fazer o menú para todo o tempo de acampamento, calcular os gêneros alimentícios, temperos e material de limpeza necessários e, juntamente com o Intendente e outros de sua Patrulha, fazer o aprovisionamento, quer cada Escoteiro trazendo um pouco de sua casa, quer comprando no local onde moram, quer se abastecendo no local próximo do acampamento, principalmente, neste caso, de alimentos perecíveis: pão, carne, leite, verduras, ovos, frutas. Cada Patrulha acampa como uma entidade separada. Sempre — lembre-se bem, Felipe — **sempre** faça acampamentos de Patrulha e jamais acampamentos de Tropa. O que chamamos de Acampamentos de Tropa é apenas o acampamento de várias Patrulhas em locais próximos e um acampamento de Escotistas (Chefes a Assistentes) e outros Auxiliares num ponto central, de modo que as Patrulhas, em determinadas horas de cada dia, prèviamente programadas, possam se encontrar para realizarem, em competição ou em conjunto, atividades, explorações, jogos, trabalhos de guarda-florestal, de lenhador ou de pioneiria, cerimônias escoteiras, fogos de conselho, etc. sob a direção dos Escotistas. Como você vê, nós recebemos as Patrulhas, vindas dos seus locais de acampamento, na área central do campo, para realizar um programa, da mesma forma que os Escoteiros, vindos de seus lares, se encontram cada semana na séde da Tropa, para tomar parte na Reunião. Deixe cada Patrulha, no seu campo, fazer suas pequenas construções de cozinha, desenvolver suas idéias e seus planos, cozinhar para si mesmo, armazenar suas provisões e seu material, e assim por diante. **Isto é o Sistema de Patrulhas**. Os Escotistas, como estão próximos, podem visitar as Patrulhas, inspecioná-

-las, ou serem convidados para uma refeição (do mesmo modo que poderiam visitar e inspecionar qualquer Patrulha de sua Tropa que estivesse acampando sòzinha, em qualquer ocasião), mas não interferem, nem mandam na Patrulha acampada, onde o Monitor é a suprema autoridade, e, com seu Submonitor, a Equipe de Adestramento dos demais Escoteiros. Os Escotistas também podem, é claro, tal como sucede na sede, convocar os Monitores para uma Côrte de Honra, dar instruções aos Monitores sôbre técnicas ou atividades programadas e, se houver necessidade, chamar o Monitor em particular para criticar sua atuação, o comportamento de sua Patrulha, as falhas técnicas observadas, etc. O principal dever do Escotista, Felipe, é adestrar os seus Monitores nas suas funções e nas técnicas escoteiras."

"Quer dizer que cozinhar para todos numa cozinha central..." ia dizendo Felipe.

"Acampamentos de Tropa com cozinha central," interrompeu Delta, "não é Escotismo. Pode ser um método militar, ou um método de Colônias de Férias, ou mesmo um método que nós usamos nos Acantonamentos de Lobinhos; é uma substituição ao método escoteiro de acampar, mas não é uma alternativa escoteira. No Sistema de Patrulhas o Escoteiro aprende e compreende que lavar panelas, cavar latrinas, abastecer de água e lenha e todo o restante, são partes naturais e essenciais da vida ao ar livre. Sua pequena comunidade sofre, e êle mesmo sofre, se elas não são feitas. Eu não quero dizer que a cozinha central não possa dar essa compreensão, mas é muito menos provável que ela faça. É bastente curioso, mas os acampamentos por Patrulha dão à Tropa um sentimento muito maior de ser uma comunidade do que é dado por um acampamento de Tropa em conjunto, como Tropa. Isto porque, no acampamento por Patrulhas todos estarão engajados nas mesmas tarefas ou recreações ao mesmo tempo — ou cozinha, ou trabalhos domésticos de campo, ou banho de mar, ou um grande jogo, etc. Não há uma Patrulha infeliz executando com relutância os trabalhos árduos do dia enquanto o resto dos rapazes gozam horas de ócio e de prazer. Sei que cada Patrulha, num acampamento de Tropa, tem seu dia de Patrulha de Serviço, mas, não é a mesma coisa. Você está começando agora e diz que quer continuar no Movimento; convém principiar certo, com a Patrulha tal como deve ser: um pequeno grupo sob seu líder — o Monitor — que cuida de si mesmo."

"O Sistema de Patrulhas é uma das paixões de Delta," explicou Azul, "e também uma das nossas, sem a menor dúvida. Se deixarmos, êle falará por horas. Mas, lembrem-se, nós **estavamos falando** sôbre alimentação."

"Aceito sua opinião, Delta," disse Felipe, "mas, além disso, ela me parece lógica. Do que você disse, eu concluo que as Tropas que acampam como Tropa, com cozinha central, estão sob a direção de Chefes Escoteiros que realmente não acreditam no Sistema de Patrulhas; ou pensam que aceitam o Sistema de Patrulha, mas não vão ao ponto de deixar os Monitores realmente liderarem, exceto em algumas ocasiões em que isto lhes agrada."

"Exatamente," disse Delta. "Agora sôbre a alimentação. Houve épocas de racionamento (e isto pode ser usado também quando os meninos são de classe muito pobre) em que o melhor método, para se realizar acampamentos de fim de semana, era cada camarada trazer de casa os gêneros que pudesse arranjar, inclusive as rações de gêneros a que tinha direito. O Monitor, então, juntava tudo e partia desta realidade para fazer os cardápios de cada refeição. Às vêzes, o que tinha sido arranjado era tão variado, que fazer os menús tornava-se um divertido e complicado quebra-cabeças. Mas em tempos normais é uma parte essencial do adestramento do Monitor saber os preços dos gêneros alimentícios, compor os seus menús e saber as quantidades de cada artigo que deve comprar e usar. Há um livrinho chamado Padrões de Acampamento, que cada Monitor devia receber de seu Chefe. Poderia ser inclusive um belo presente de Natal ou de aniversário. Em épocas normais você poderá comprar na fazenda o pão, as verduras e frutas, e o leite. Um ponto importante — o Monitor deve sempre se fazer responsável por levar o sal, que é fàcilmente esquecido. No próximo fim de semana nós iremos realizar um acampamento para instrução de Cozinha. Deixe que os seus Monitores venham conosco. Êles irão aprender como cozinhar refeições simples, partindo de ensinamentos corretos. Começaremos com uma sessão dedicada a quantidades e porções."

"Ótimo. Suponho que agora já decidimos tudo," disse Felipe.

"TUDO?!", berrou Rafael. "E qual vai ser o seu Programa? Já pensou na quantidade de horas que passaremos no acampamento?"

"Café," disse Jôni, quando êle e Pastel entraram com o bule e as canecas, e completou: "Specialité de la maison."

"Anjo," disse Delta. "Você, Azul e Dico façam ràpidamente um programa, se Felipe estiver de acôrdo."

"De acôrdo?", fervorosamente. "Êles é que irão dirigir o acampamento!"

"Não!" disse Delta, "Você é que irá dirigí-lo. Isto é importante. Êles agirão com muito tato, assessorando-o, mas **você** irá dirigí-lo. Êles também ficarão de olho nos Monitores, dando-lhes uma informação ou indicação, quando êles precisarem dela, mas deixando que aprendam fazendo. Lembre-se, Felipe, tenha sempre um Programa das atividades do acampamento, preenchendo todo o tempo disponível."

"Satanás sempre descobre ocupação para as mãos ociosas," disse Pastel inesperadamente.

"Verdade absoluta," disse Felipe com um sorriso.

"Outro modo de colocar o problema," continuou Delta, "é dizer que cada acampamento deve ter um objetivo. Certamente, todos os acampamentos de fim de semana tem um propósito primário de fazer com que o Escoteiro se torne ìntimamente familiarizado com as técnicas e a vida de acampamento. Isto um único acampamento anual nas férias de verão, mesmo de mais de uma semana, jamais poderá dar. Um Escoteiro deve viver tão fàcilmente e confortàvelmente nos campos ou florestas quanto em seu próprio lar. Esta técnica êle só aprende com a prática constante. Òbviamente, o objetivo especial para seus quatro primeiros acampamentos devem ser as técnicas elementares da arte do acampador. Já está pronto, Anjo?"

"Eu irei recitar a nossa obra prima," disse Rafael. "Nós sugerimos que seja feito por nós com a ajuda de seus Monitores um modêlo de cozinha que já estará pronto quando os Escoteiros chegarem. Os Monitores que forem conosco dormirão em nossas barracas leves de excursão na noite de Sexta-feira. Nós colocaremos o material de cada Patrulha no local em que cada Patrulha deverá acampar, inclusive as barracas grandes de Patrulha, não armadas, é claro. Para os Escoteiros de Felipe que chegarem pela manhã, um de nós se encarregará de dar jogos e outras pequenas atividades. No fogão feito prepararemos um gostoso quebrajejum para nós e os Monitores, e depois cozinharemos o almôço para todos os que chegarem ao campo pela manhã. Felipe:

nós precisamos saber exatamente quantos irão de manhã. Estamos supondo que a totalidade dos gurís estará no acampamento às 15 horas de Sábado. A esta hora Felipe inaugurará oficialmente o seu primeiro acampamento com uma formatura e saudação a Bandeira Nacional (que já estará hasteada por nós desde manhã) seguida de preces. Aí oferecerá a todos os Escoteiros uma merenda: chá, mate, café ou chocolate com sanduiches. Nós teremos tudo isso pronto e em abundância. Por tanto sugerimos êste programa: 15 horas — Saudação a bandeira, preces e merenda; 15.15 — Instrução — Como armar uma barraca. Faremos a demonstração com a sua barraca, Felipe, que será uma barraca grande, para que você possa usá-la para guardar também o material de instrução. Depois da demonstração cada uma das Patrulhas vai armar sòzinha a sua própria barraca. Sem dúvida nós estaremos por perto, mas os garôtos é que devem armá-las, mesmo que o façam muito mal."

"Como eduquei bem vocês," disse Delta rindo.

"Ora! Isto é apenas bom senso," disse Azul. "Os garotos entram no Escotismo para fazer coisas, e não para olhar os adultos se mostrarem."

"O.K.!" disse Rafael. "Então às 15.45 fazer as cozinhas e trabalhos de escravos. Imaginemos de nôvo — primeiro levamos os garotos para ver as nossas construções — nós as faremos simples e perfeitas — e depois elas farão o melhor possível para imitá-las."

"Agora imitam, mais tarde êles farão as coisas segundo suas próprias idéias." disse Dico.

"Faremos um fogão trincheira, parcialmente cavado no solo, mas com paredes de pedras ou tijolos, que se encontrarem no local, além de outras instalações de uma cozinha simples," disse Azul.

Delta murmurou para Felipe: "Os seus Escoteiros devem receber uma instrução teórica sôbre tudo isso nas duas próximas reuniões."

"Às 17 horas êles devem ter os seus fogãos cavados e construídos, baldes com água, lenha armazenada e coberta, fossa de gorduras pronta, gêneros alimentícios armazenados convenientemente, etc. Poderemos então ter uma meia hora de jogos, antes de irem, a metade cozinhar o jantar e a outra metade começar os longos e árduos estudos que irão permitir, aos alunos mais brilhantes, no final do Curso, receberem o diploma de Bacharel em Latrinas."

"Não se esqueça," disse Delta, "que para os verdadeiros acampadores **tudo isto é uma recreação**. Apanhar lenha, lavar panelas, cozinhar são atividades tão divertidas como aquelas que normalmente chamamos de jogos. Nunca, nenhuma dessas atividades, nem cavar latrinas e fossas devem ser vistas ou impostas como castigo."

"Eu tenho uma objeção," disse Jôni. "Acho que antes disso êles devem preparar suas camas dentro das barracas."

"Sem dúvida," disse Pastel. "Antes dos jogos."

"O.K.!" disse Rafael. "Depois do jantar, um Fogo de Conselho e então uma boa caminhada na escuridão da noite, em conjunto, antes de irem para a cama. Isto fará com que fiquem com vontade de ir para cama. Preces e — hum! — dormir!"

"Êles não poderão dormir," disse Pastel decisivamente.

"Eu acho que não poderei dormir," disse Felipe rindo.

"Pois **nós** iremos dormir," disse Azul. "O acampamento é o único lugar em que eu vou para a cama numa boa hora."

"Penso," disse Delta, "que é mais sábio encarar a realidade. Nos acampamentos de férias de verão só os acampadores experimentados, que estão constantemente acampando, dormem na primeira noite e nas noites seguintes. Isto se aplica também aos acampamentos de fim de semana. Os mais jovens não dormem muito nestes primeiros acampamentos e é melhor, estou certo, reconhecer êste fato e fazer um planejamento para enfrentá-lo. Quando êles forem para a cama deixe que por alguns minutos conversem e façam brincadeiras. Depois você dá uma volta para lhes dar "Boa Noite" (realmente, para fazer uma última verificação nos estais e portas das barracas e ver nas cozinhas se os fogos estão extintos). Nessa ocasião diga aos Monitores para "Apagar as luzes" daí a cinco minutos. "Apagar as luzes" significa "Calarem as bôcas", e os garotos devem ser educados, **desde o primeiro acampamento**, na compreensão de que é uma lei que não pode ser quebrada. Acho que você deve ser severo para com os infratores — se você fôr firme, você só terá infrações por breve tempo. Os garotos irão dormir, mas acordarão cedo. Alguns Escotistas acreditam num método e outros usam outro método. Eu não obrigo os madrugadores a ficarem acordados e quietos dentro da barraca. Sempre permití que os Monitores querendo, levem suas Patrulhas para fora das barracas, se elas estão acordadas, mesmo que seja muito cedo. Êles ficarão melhor

fóra das barracas; mas sei que isso é um privilégio que em outras Tropas não é concedido. É claro que êles devem se manter razoàvelmente quietos, sem arruaças, se os outros ainda estão dormindo. Se os locais de Patrulha forem razoàvelmente distantes uns dos outros, não haverá perturbações. Êles podem andar por perto, acender o fogo e fazer um chá ou café, caso queiram. Mas, não podem invadir os outros locais de Patrulha! O caso é que para um acampamento de fim de semana, o programa de Domingo começa com o romper da aurora."

"No Domingo, o Programa será êste," continuou Rafael lendo: "7 horas da manhã, higiene. Eu acho que uma certa exibição neste ponto é necessária para os garotos, para que êles, na brincadeira em conjunto, aceitem a idéia de se despir e **se divertirem** com um banho na água fria. Nós sabemos que isso é formidável, quando já estamos acostumados. Eu fico doente quando vejo Escoteiros que lavam o rosto completamente vestidos, com a ponta dos dedos, ou com a ponta da toalha molhada."

"Absolutamente certo!" apoiou Jôni. "Não há meias medidas. Despir-se e esparramar-se dentro dágua!"

"Ás 8 horas Felipe lhes dará a comunhão. Depois farão e comerão o pequeno almôço do quebra jejum. Acho que às 9,30 poderemos hastear a Bandeira e fazer a Inspeção. Depois da Inspeção um grande e amplo jôgo, dependendo do terreno, para encher a parte da manhã. Nós poderemos preparar o jôgo, se você quiser. Então virá o almôço, fazê-lo e comê-lo, e depois de lavado o material, teremos uma meia hora tranqüila, com uma Cerimônia Religiosa: hinos, leitura do Evangelho, da Promessa e Lei Escoteira, tudo com a participação dos próprios garotos. Felipe, após a Leitura do Evangelho interpretará a lição do dia. Depois teremos um ou dois jogos bem ativos e o adestramento em provas de Segunda classe por uma hora. Depois Merenda, desinstalar o acampamento, guardar o material na Fazenda ou pô-lo na carreta, e para casa."

"Muito obrigado," disse Felipe. "Eu gostaria de dizer que isto é uma grande bondade de vocês, mas como já conheço vocês bem, sei que me responderiam: — Você pensa que nós somos Escoteiros para quê? Confesso que esperava que vocês me ajudassem, mas não dessa maneira admirável, formidável... Muito obrigado."

"Acampamento é vida," disse Jôni.

Azul começou a cantarolar de bôca fechada a melodia de "Lili Marlene". Todos, exceto Felipe, que ouvia sorrindo, se juntaram a êle no sonoro murmúrio. Ao chegarem no final começaram a cantar suavemente a mesma canção com a letra que Miguel tinha trazido de um Acampamento de Escoteiros do Ar, de que participara, um ano atrás:

"O cheiro da fumaça da lenha está no ar

E o fogo em seus clarões nos leva a recordar

Cenas dos Fógos vêm à mente

À luz das chamas, em tôrno à gente,

Dos idos já saudosos,

E dos por vir anciosos."

"Não há nada que se compare a isto, Anjo," disse Dico. "Não acha?"

"A quem você diz isso..." concordou Rafael.

Cabe uma homenagem pela iniciativa do chefe **Sauro José Bartolomei**, que nos legou uma bela coleção de livretos muito úteis para o desenvolvimento do escotismo brasileiro.

LIVROS DE PATRULHA

1 — ATIVIDADES DE PATRULHA

2 — OUTRAS ATIVIDADES DE PATRULHA

3 — A PATRULHA VAI AO CAMPO

4 — 200 IDÉIAS PARA MONITORES

LIVROS PARA ESCOTISTAS

1 — 100 IDÉIAS PARA ESCOTEIROS SENIORES

2 — REUNIÕES ESPECIAIS DE ALCATÉIA

3 — PADRÕES DE ACAMPAMENTO

4 — 100 IDÉIAS PARA REUNIÕES DE ALCATÉIA